

## 6

### Discussão: slides e percepções

Este capítulo objetiva rever as questões de pesquisa propostas no trabalho, à luz da análise dos slides produzidos em Power Point por um grupo de aspirantes da Escola Naval do Rio de Janeiro, associada à análise das percepções por eles expressas em tres momentos diferentes da pesquisa. Essas análises foram conduzidas sob a perspectiva dos estudos sobre multimodalidade, comunidade de prática e qualidade de vida em sala de aula.

A motivação para o trabalho originou-se em minha experiência de professora de inglês como língua estrangeira na Escola Naval, onde o inglês é parte integrante do currículo durante os quatro anos de duração do curso de formação de oficiais da Marinha, e onde e o uso do idioma para apresentações é enfatizado e constitui um dos elementos da avaliação institucional. Como a instituição dispõe de amplos recursos tecnológicos, percebi que o uso de tecnologias de representação visual nas apresentações produzidas pelos aspirantes seria um campo de estudo bastante interessante, principalmente se considerarmos que as pesquisas conduzidas em sala de aula com mais freqüência investigam o uso dessas tecnologias pelos professores do que pelos alunos. A premissa do estudo é que o uso de recursos que agregam som e imagem à fala do apresentador possibilita maior autonomia aos alunos e lhes confere o poder de ativamente influenciar o processo de ensino-aprendizagem.

Para responder à primeira questão de pesquisa, *Como se caracteriza a multimodalidade das apresentações produzidas pelos aspirantes?*, o embasamento teórico de que lancei mão foram os estudos sobre os elementos visuais na comunicação (ROSE, 2001; KRESS & VAN LEEUWEN, 1996, 2001; ROYCE, 2002), aliados ao estudo das funções da linguagem propostas pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 1994), e ao estudo da aprendizagem multimodal (MAYER, 2001). A análise dos slides mostra que a multimodalidade das apresentações dos aspirantes se caracteriza pela escolha de slides personalizados, sem animação, com marcada preferência por imagens

figurativas-textuais. A decisão de produzir os slides um a um, ao invés de adotar o processo mais simples de repetir um dos modelos oferecidos pelo programa, sugere a disposição ao exercício da criatividade, como foi mencionado por um dos aspirantes citados ao final do Capítulo 5. Outra preferência acentuada foi a de reservar para efeito de ênfase as animações ou conexões de hipermodalidade, tais como música, acesso à Internet ou outros programas, ao invés de usar esses recursos repetidamente, como padrão. Essa atitude, que poderia ser atribuída unicamente à falta de familiaridade com o recurso, admitida por alguns dos aspirantes, parece, antes de tudo, indicar cautela em não sobrecarregar a apresentação com efeitos que possam distrair a atenção da platéia. Tal preocupação, verbalizada nas duas discussões em grupo e registrada nas respostas ao questionário, revelam a percepção de que uma superdosagem de multimodalidade tornaria a comunicação confusa, comprometendo sua eficácia.

Quanto à preferência por slides onde texto e fotografias ou desenhos se complementam, esta se manifestou desde a discussão preliminar e indica a percepção de que o conjunto multimodal constrói e transmite significados de modo mais eficaz que fotografias ou texto isolados. Por outro lado, a tendência ao uso frequente de elementos polissêmicos, que podem ser lidos de várias maneiras, em oposição à escolha de elementos monossêmicos como gráficos ou esquemas, que admitem apenas um tipo de leitura, sugere o desejo de estimular a participação dos colegas através de imagens (textuais ou figurativas) que se prestem a múltiplas interpretações e sejam percebidas como convite a perguntas ou comentários. A participação é estimulada ao máximo pelo uso da alta modalidade das fotografias em que o apresentador aparece, conferindo a sensação de experiência partilhada, e é também encorajada por fotografias ou desenhos em que a linha do olhar das pessoas representadas forma um vetor que se dirige aos olhos dos espectadores, estabelecendo contato e sugerindo ação.

Essas características, evidenciadas na análise dos slides, conflitam com as severas críticas que são feitas ao uso do recurso Power Point (TUFTE, 2002), segundo as quais as apresentações assim produzidas trivializam a informação ao ponto de corrompê-la. Isso se deve ao uso de padrões repetitivos, frases extremamente reduzidas e, acima de tudo, a lista de pontos (*bullet points*) em que a informação é agrupada ou organizada em níveis de importância, o que a faz soar

prescritiva e não encoraja discussão ou reflexão. Este trabalho sugere que, ao contrário do que as críticas afirmam, o uso do recurso digital em um ambiente educacional pode contribuir muito para o desenvolvimento do aprendiz. Com relação à primeira crítica, as análises demonstram, como já dito, a preferência pela não-repetição, ou seja, pela criação. Quanto às frases reduzidas, elas de fato foram usadas, mas cumpre notar que sempre em conjunção com imagens que integravam o conjunto multimodal ao qual pertenciam e cujo significado dependia de todos os elementos, não apenas do texto escrito. No que diz respeito às listas de pontos, seu uso nem foi abundante nem foram determinados níveis de importância que parecem esgotar a possibilidade de discussão. Ao contrário, as listas foram usadas com parcimônia, geralmente apenas para citar exemplos.

Pode-se dizer, portanto, que a multimodalidade das apresentações produzidas pelos aspirantes se caracteriza pela opção de criar, ao invés de reproduzir configurações existentes; pela busca da construção de significados com entrelaçamento de elementos textuais e figurativos; e pelo uso de sons e instâncias de hipermodalidade como forma de destacar ou enfatizar partes do discurso, não como padrão a ser repetido ao longo de toda a apresentação.

A segunda pergunta, *Qual instrumento melhor se presta a analisar os vários elementos constituintes de uma apresentação em Power Point?*, foi respondida após a aplicação de um modelo originalmente sugerido para transparências e slides fotográficos (ROWLEY-JOLIVET, 2002). O uso desse modelo em slides de Power Point leva à constatação de que o meio digital disponibiliza potencialidades representacionais e comunicativas diferentes daquelas dos slides e transparências para as quais o modelo foi proposto; por esse motivo, é necessária a aplicação de um método também diferente de classificação. O novo modelo proposto por este trabalho – a Esfera Multimodal, permite representar um número ilimitado de elementos que interagem e se modificam, e pode aplicar-se igualmente a situações de maior ou menor complexidade, mantendo inalterada a relação direta com o elemento central, o programa Power Point. Esse modelo analisa satisfatoriamente o valor comunicativo de diferentes modos, como textos, fotografias, desenhos, filmes, efeitos visuais e sonoros, músicas e ligações com sítios da Internet.

A investigação das potencialidades comunicativas de Power Point exploradas pelos aspirantes na situação social específica “apresentações para colegas de turma durante as aulas de inglês”, foi feita com base na teoria da atividade (ENGESTRÖM, 1987) e também no estudo da abordagem multimodal da aprendizagem (JEWITT, 2006), segundo a qual o uso de diferentes modos leva a construções de significados que se mesclam e alteram o significado original. O modelo sugerido neste trabalho reflete a noção de dinamismo inerente ao recurso Power Point, com a conseqüente mescla de imagens, ativação de sons, formação de textos diante dos olhos da platéia e estabelecimento de conexões com a Internet ou outros programas.

As categorias classificatórias compreendidas pelo novo modelo levam em conta as funções propostas pela teoria socio-semiótica (HALLIDAY, 1985)), bem como aquelas propostas pela Gramática do Design Visual (KRESS e VAN LEUWEN, 1996), de modo a analisar mensagens que acomodem os significados da vida social contemporânea num universo comunicativo cada vez mais complexo e multimodal. O modelo proposto permite analisar os aspectos representacionais e composicionais dos slides e determinar os níveis de complexidade dos mesmos, de modo a possibilitar uma avaliação detalhada das semioses neles representadas e suas características comunicativas.

A resposta à terceira pergunta, *Como os membros de uma determinada comunidade de prática percebem o uso do recurso Power Point?*, fundamentou-se nos estudos das características de comunidades de prática (LAVE & WENGER, 1991; ECKERT & MC CONNELL-GINNET, 1992), associados aos estudos de linguagem e gênero masculino e feminino (BUCHOLTZ, 2004). A Escola Naval, por sua natureza geograficamente isolada, seu foco específico na formação profissional de militares, e sua população quase que exclusivamente masculina, constitui um bom local para investigações que levem em conta a existência de hábitos e objetivos comuns, bem como a existência de linguagem sexista.

Os hábitos e e objetivos comuns transpareceram na escolha de temas que agradassem aos colegas em geral, e também no uso de fotografias pessoais, exibidas nos slides como forma de aproximar-se dos espectadores, comunicando-

lhes suas experiências pessoais. Como a noção de comunidade de prática envolve modos de fazer, modos de falar, crenças, valores, e relações de poder, a maneira de conduzir as apresentações refletiu a vida na Escola Naval, com marcada ênfase na atitude confiante e competente que, idealmente, um oficial de Marinha deve demonstrar.

Quanto à dimensão linguística da comunidade de prática, neste estudo não foi percebido o uso de expressões cujo significado é conhecido apenas pelos membros da comunidade, e que transparece tão claramente na publicação interna dos aspirantes, a revista *A Chalana*. Minha explicação para a ausência de expressões de significado restrito ao ambiente da Marinha está na relutância em transpô-las para o idioma estrangeiro. De fato, seu uso é situado e ligado às situações do dia a dia da Escola; procurar traduzi-las soaria falso e foi, portanto, evitado. Mesmo a alfabeto radiotelefônico internacional foi evitado, uma vez que as expressões com ele formadas têm sentido na instituição brasileira, não dispondo de equivalente em inglês. Os aspirantes, sem exceção, optaram por evitar situações em que não se sentissem em condições de transpor sua fala para o inglês.

Com relação à visão sexista ou preconceituosa com relação às mulheres, entretanto, não houve qualquer escrúpulo em manifestá-la, e a figura feminina foi tratada nos slides de Power Point da mesma forma como o é na revista *A Chalana*: como objeto decorativo ou fonte de prazer. É relevante notar que essa interpretação da figura feminina nos slides funcionou como elemento aproximador do grupo, uma vez que as reações durante as apresentações deixavam entrever que essa é a visão compartilhada, se não por todos, pelo menos por muitos dos membros daquela comunidade de prática.

O uso do recurso digital Power Point foi, portanto, percebido pela comunidade como uma maneira de compartilhar experiências, demonstrar atitudes valorizadas pelo grupo e até mesmo compartilhar preconceitos.

A última pergunta, *De que forma a interação propiciada por uma atividade pedagógica mediada pela tecnologia de Power Point se reflete na qualidade de vida em sala de aula?*, foi respondida com base nos estudos sobre a complexidade da sala de aula e das relações que aí se estabelecem (ALLWRIGHT, 1991, 2005,

2006; GIEVE & MILLER, 2006). Segundo esses estudos, a multiplicidade de fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem apontam para o entrelaçamento desse processo com o relacionamento entre o professor e os aprendizes. Nas diferentes etapas deste trabalho, foi possível observar a *multidimensionalidade* da sala de aula, dada a quantidade e variedade de acontecimentos; a *simultaneidade* de muitos desses acontecimentos; e a frequente *imprevisibilidade* de resultados ou desenvolvimentos (DOYLE, 1986, In WRIGHT, 2006).

A primeira característica transparece nos depoimentos dos aspirantes, onde se pode perceber o orgulho em desempenhar um bom trabalho e demonstrar conhecimento, assim como a satisfação em poder trazer para o ambiente de sala de aula as experiências da “vida lá fora”, ou seja compartilhar com os colegas uma identidade diferente daquela que é exibida diariamente. A simultaneidade se evidencia ao conduzir ou assistir às apresentações em Power Point, pois em ambos os casos a interação com o grupo é esperada, através do ato de fazer perguntas ou a elas responder, e lidar com possíveis dificuldades na comunicação. A imprevisibilidade da situação envolve não ter as respostas a determinadas perguntas, encontrar dúvidas onde elas não são esperadas, e até mesmo lidar com críticas.

A análise das percepções dos aspirantes, expressas por ocasião das discussões e do questionário, permite supor que a qualidade de vida em sala de aula durante uma atividade em língua estrangeira mediada pela tecnologia digital está diretamente ligada à sensação de **apropriação** dessa língua, de maneira a nela poder expressar idéias e pensamentos. Este trabalho sugere que o uso de Power Point pelos aprendizes, para produzir e conduzir apresentações, constitui uma oportunidade de aprendizagem tecnológica, linguística e interpessoal. O trabalho também sugere que a sensação de orgulho por uma apresentação bem-sucedida pode contribuir para tornar o aprendizado um prazer, e “encorajar as pessoas a se tornarem aprendizes por toda a vida”<sup>111</sup>(ALLWRIGHT, 2006).

---

<sup>111</sup> “[...] for the sake of encouraging people to be lifelong learners [...]”